OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India....	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1098

30 de Junho de 1909

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

ACADEMIA REAL DAS CIENCIAS DE LISBOA

SESSÃO REAL PARA A LEITURA DO ELOGIO ACADEMICO DE S. M. EL-REI D. CARLOS

(Cliché Benoliel)

CHRONICA OCCIDENTAL

Os crimes de infanticidio estão a repetir-se por toda a parte com uma horrorosa frequencia. Quem costuma ler o noticiario dos jornaes terá visto que é raro o dia em que não haja alguma mãe que estrangule o filho á nascença, ou lhe não córte o pescoço com a faca da cosinha, tres ou quatro dias depois de o ter dado á luz.

Descoberto o crime, dá-se lhe o castigo. Os tribunaes são implacaveis em taes casos, e comprende-se que o sejam. Os juizes sempre rispidos, e ninguem dirá que não estejam no seu papel.

Na presença de uma mãe a quem chegou o animo para matar o filho, não se cuida nunca de averiguar se alguem a instigou a cometer o crime. Crê-se que um tal acto só póde ser voluntario, e muito voluntario. E, com efeito, como se ha de admitir que uma mãe assassine o seu filho só por obedecer ao instigador que lhe disse: «Mata o teu filho!»?

Todavía, póde-se dizer que o nosso tempo, o nosso seculo, é esse instigador.

O filicidio é, por excellencia, e crime da civilisação. O amor materno, como todo o amor, é sacrificado aos tempos novos. A sociedade bem o sabe; e quando, porventura, ella lastima este mal, só o faz por hipocrisia.

A creança de hoje não é, como o foi, uma das maiores e das mais vivas alegrias da vida. A creança, hoje, é um empecilho. Diga se a verdade. Não é já só nas classes baixas que se ouve dizer aos proprios paes, quando uma creança morre: «Foi uma providencia!» Nas classes que mais se prézam, sob outras fórmulas de expressão pensa-se o mesmo. Todos nós temos tido ocasião de ouvir, perguntando a pessoas casadas de pouco tempo se têm filhos, esta confissão: «Não, graças a Deus!» E sabe-se como, na maior parte dos casos, estas graças dadas a Deus só verdadeiramente deveriam ser dadas a Malthus.

Que tudo é diferente d'esses tempos a que hoje chamamos de atrazo e de ignorancia, quando ainda as mães que habitavam nas cidades não haviam atingido o periodo escrofuloso em que as tem posto hoje a poeira das ruas, a má qualidade dos alimentos, as canalisações mefilicas e outras cousas sabidas de decadencia mortal que geram tuberculos nas creanças antes de saírem do ventre materno, e fazem que, segundo a feliz expressão do humorista, até as burras precisem de leite de burra!

As matronas virtuosas do começo do seculo passado podiam dar de mamar aos filhos, com a certeza de não lhes transmitir leite envenenado; bem ao contrario das de agora, que quasi todas têm, mais ou menos, a consciencia de que alimentam uma geração de tisicos. O *Emilio* de João Jacques Rousseau tornára moda em toda a Europa o que nunca devera ter deixado de ser o acto mais natural da mulher, o costume de crear o filho com o proprio leite, em vez de o confiar ao cuidado das amas mercenarias.

Tomava-se então como prova de distinção e suprema elegancia pôr o menino aos peitos deante de toda a gente; levá-lo na sége até ás portas das salas de baile, e saír de vez em quando ostentosamente, para lhe ir dar mama! A mulher joven quasi que aspirava a casar-se, unicamente pelo desejo de aparecer de creança ao cólo. Pode dizer-se, sem receio de exagerar, que nesses felizes tempos as mães chegavam quasi a querer tanto aos filhos pequeninos e faziam tanta gala

de os trazer comsigo nas carruagens, e de os abraçar e beijar em publico, como agora fazem em trocá-los pelos cachorros.

Qualquer que fosse o meio social em que se abrissem os olhos á luz da existencia, nunca mais se esqueciam as primeiras lições maternas. A educação do pae não ficava de certo menos viva e acentuada que a da mãe; a da mãe, porém, predominava sobretudo em coisas do coração, porque era toda intima e especial, ao passo que a do pae era mais geral e mais ampla: ensinava nos a ter vontade, resolução, energia, e abria-nos os caminhos da vida honrada, traçando-nos a linha que deveriamos seguir, sob os eternos principios da verdade e da justiça. A mãe corrigia e suavisava com caricias, e com o culto das mais ternas virtudes femininas, a rigidês e durêsa do ensino paterno. A mãe, que o sabia ser, deixava desde logo perfeita e acabada a educação do filho, pelo lado até onde devia estender-se a sua influencia benefica. As suas lições entravam-nos no peito em jorros de amor e de luz, e apropriavam se da nossa alma.

Tudo estava nessas primeiras lições, as que nos eram dadas com o leite e logo depois d'elle. A influencia exercida no coração e nos gostos do filho pelo primeiro ensino que recebia da mãe, e pelo amoravel sistema com que ella o creava, dominava toda a vida; em todas as suas acções havia de sempre transparecer, mais ou menos, um reflexo d'ella. Era ao suave calor dos mais ternos afetos que se formava e desenvolvia a alma do menino.

Não era só o exemplo das classes apuradas que, então como agora e como sempre, indicava ás outras o modo de proceder. A propria natureza lhes era mestra. Ou antes, e melhor dizendo, o amor materno expandia-se, livre de peias, onde quer que irrompesse; e se muitos peitos angustiados gemiam na clausura dos conventos, vitimas das apertadas precauções com que se cercavam as donzelas ameaçadas pelos perigos da carne, sem boas probabilidades de casamento reparador e feliz, certo era que, se as precauções não eram tomadas com tempo, e a estopa perto do lume, se incendiava, tudo se conformava ao depois com os destinos, e por todas as fórmas se cuidava de remediar o mal que estava feito, mas menos pelo abôrto ou pelo infanticidio.

Não poucas vezes era a desditosa mãe privada do seu mais legitimo desejo e goso, arrancando-se-lhe dos braços o filho recemnascido, e levando-lh'o para bem longe; mas sempre ella teria podido pôr-lhe ao pescocito alguma medalhinha de santo ou santa que o protegesse, com a dulcissima esperança de poder um dia tornar a apertá-lo contra o peito, rehavido por aquelle indicio...

Mas ao poder dos tempos nada resiste: nem o amôr materno. A civilisação condemnou a ira dos paes que protegiam a honra das filhas com os ferrolhos dos conventos, e facilitou á mulher, por todos os meios velhos e por muitos meios novos, o desmando e a deshonra. Fez lhe correr todos os riscos de ter filhos na deshonestidade, e recomenda-lhe que não queira tê-los. A *honestidade*, essa, prudentemente, evita os o mais que póde; mas como nem sempre o consegue, e o mêdo lhe não deixa estrangulá-los, entrega-os a amas provenientes da clinica de S. Lazaro, confia-os depois aos cuidados de *institutrices* recomendadas pelo *Chat Noir*, e acaba por internálos no Collegio de Campolide. Tê-los, ainda vae. Agora o dar-lhes de mamar, mudar-lhes as fraldas, e ensina-los depois a ser homens, isso é que não: que os decotes são cada vez mais abertos, e as massadas prohibidas!

JOÃO PRUDENCIO.

Sessão solemne da Academia Real das Ciencias de Lisboa

O elogio academico de El-Rei D. Carlos

Pela primeira vez, no atual reinado, reune a douta corporação da Academia Real das Ciencias de Lisboa, em sessão real, presidida por Sua Magestade El-Rei D. Manuel II, sendo o motivo dessa reunião o elogio academico do seu falecido presidente El Rei D. Carlos.

Não podia ser maior a solemnidade nem mais interessante a sessão.

A sala da biblioteca da Academia, que é um monumento, ainda maior pelos monumentos da literatura e das ciencias que nella se conservam, como fócos de luz a alumiar o espirito das gerações, revestiu-se de galas, animou-se com o concurso das pessoas que ocupavam as extensas filas de cadeiras e pela galeria muitas senhoras, que são sempre a decoração mais formosa e fulgurante destas assembléas, apresentava aspeto imponente tanto pela reunião do que temos de mais seléto no mundo intelectual, como pelo ourejar das fardas e comendas que distinguem tantos obreiros das ciencias e das letras ali reunidos.

Para maior realce compareceu tambem á sessão real Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia, além de Sua Alteza o sr. Infante D. Affonso. A Academia representava-se pela maioria de seus socios. Compareceu todo o ministerio, membros da camara dos pares, corpo diplomatico, convidados e representantes da imprensa.

Depois de Suas Magestades receberem os cumprimentos no trono, armado ao fundo da sala, El-Rei tomou logar na mesa da presidencia, abrindo a sessão, em nome do soberano, o vice-presidente da Academia, sr. dr. Virgilio Machado, o qual leu uma alocução, ou antes uma oração de sapiencia, historiando a vida da Academia desde que foi fundada pelo duque de Lafões até ao presente, enumerando as iniciativas que della teem partido e comparando-as com as suas congeneres estrangeiras.

Dissertando sobre este assunto, lembra quanto a Academia tem concorrido para a publicação de obras importantes, que sem seu auxilio ficariam ineditas, e dá a grata noticia de que ella vae fazer edições populares dos classicos portuguêses mais valiosos afim de os tornar bem conhecidos.

Declarou tambem o digno vice-presidente de quanto a Academia e o Senhor D. Manuel estão empenhados em resolver para breve a elaboração do *Diccionario da Lingua Portuguêsa*, que ha muitos annos lhe está cometida, mas que muitas e complicadas circumstancias não permitiram ter sido levado a termo.

O sr. dr. Virgilio Machado, referindo-se aos trabalhos da Academia não serem bastante conhecidos, diz ser isso devido ás suas especialidades, e tambem á falta de conhecimento da nossa lingua lá fóra. Para obviar a este inconveniente, a Academia vae publicar uma historia sua em lingua mais universal, como tem feito outras academias estrangeiras.

DR. VIRGILIO MACHADO

Faz tambem sentir as razões porque atualmente as academias não teem aquella vida de tanta atividade que, acaso já tiveram. Hoje os congressos, as multiplas revistas e livros de ciencia e de literatura que abundam com o enorme desenvolvimento da imprensa, dispensam a cooperação dos centros academicos, acrescendo que muitas ciencias perdendo sua feição especulativa, entram mais decididamente no campo experimental. Assim os laboratorios chamaram mais os cientistas e ahi se concentram as maiores atividades e invenções independentes do concurso das academias.

Sobre os progressos das ciencias disserta largamente o sr. dr. Virgilio Machado com profundos conhecimentos da ciencia contemporanea nas suas variadas ramificações, chegando aos dominios da agricultura, da higiene, citando quanto esta está utilisando á cidade do Rio de Janeiro, na grande transformação porque tem passado aquella capital.

Analisa os progressos da educação moderna sob os metodos cientificos de ensino baseados na observação das coisas e disciplina do espirito, com o que se chega a proficuos resultados na pratica das ciencias e das artes como é evidente.

A alocução do sr. dr. Virgilio Machado é uma exposição erudita de todo o movimento cientifico moderno, terminando por dar a razão da Academia ali se encontrar reunida para prestar a sua homenagem á memoria do augusto presidente e protector daquella corporação cientifica, El-Rei D. Carlos I.

Resume em breves palavras os talentos do falecido monarca manifestados nas letras, nas artes e nas ciencias, contribuindo largamente para a riqueza da oceanografia e ciencias historico naturaes, de cujo elogio academico estava encarregado o socio sr. Alberto Girard.

* * *

O elogio academico feito pelo socio, sr. Alberto Girard, é um estudo consciencioso da obra do Rei Artista e do Rei Cientista, que, na frase do sr. Girard, o rei na arte era Carlos, na ciencia era D. Carlos de Bragança, assim elle assinava os seus trabalhos numa e noutra.

ALBERTO GIRARD

Faz o elogio do artista tanto de coração e espontaneo que suas obras tinham a nota distinta da facilidade e variedade dos generos, que todos lhe eram familiares para o seu lapis ou pincel, de inconfundivel individualidade. Essas obras foram justamente apreciadas e premiadas em exposições nacionaes e estrangeiras.

Mas se como artista foi consagrado, não o foi menos como cientista, pela dedicação ao estudo das ciencias naturaes, especialmente á oceanografia, que mais cultivou com opimos resultados, sendo grande o seu amor por esta ciencia como elle, orador, podia testemunhar, visto ter acompanhado tantas vezes durante 12 annos o sr. D. Carlos nas suas explorações oceanicas, para a colheita das preciosas especies com que formou o seu museu oceanografico.

Esse museu fazia a gloria do seu colecionador, justamente apreciado por todos que o poderam vêr em Portugal e, uma vez exposto no grande certamen internacional de Milão, ali lhe conferem o *Grand-Prix* não obstante El-Rei desejar estar fóra do concurso.

O juri não se conformando com aquella declaração, respondeu: «Para que? pois se a El-Rei D. Carlos pertencem de direito os primeiros premios.»

Descreve o alto valor cientifico do finado rei, tantas vezes comprovado no meio das agremiações da ciencia, quer em Portugal, quer no estrangeiro, e entra por fim na historia das suas explorações oceanograficas, ás quaes com tanta utilidade mais se dedicou.

O que expõe sobre este assunto o sr. Alberto Girard é realmente interessante, como se vae lêr.

«Meus senhores, vou abordar agora o terreno favorito da atividade do elevado espirito de D. Carlos, e que tanta gloria trouxe a seu nome — a Oceanografia. — Não é na mocidade que se póde empreender tão complicado estudo; a oceanografia, para a cultivar, demanda muito saber, sentir-se capaz de resolver complicados problemas que exigem para a sua solução o conhecimento vasto de muitas ciencias. D. Carlos, que nunca fôra extranho ao movimento o mais moderno da intelectualidade, compreendeu a sua importancia, percebeu o seu alcance para uma das principaes industrias do país, e tendo a paixão do mar, como Elle mesmo o diz, sabendo, como todo o homem da sua inteligencia e da sua edade, quanto valia e quanto podia, e influenciado tambem pelo seu

sabio amigo o Principe de Monaco, tomou então, um dia, sobre si, e já Rei, a iniciativa de emprehender tão importante estudo para Portugal.

Meus senhores, permitam me, para bem me fazer compreender, que pise por alguns momentos esse complicado terreno da oceanografia.

No nosso globo os continentes assentam, por assim dizer, sobre uma base. Se descessemos de uma praia para o mar, caminhando no fundo, a profundidade iria successivamente augmentando, o declive, poderia, porém, ser suave ou rapido, mas chegariamos a um ponto em que se havia de transformar e em que cairiamos subitamente para os grandes abismos do oceano. Este ponto pertence a uma linha de fractura, que a geologia chama um anticlinal e que limita para a praia, a base dos continentes; é o que se chama o «planalto continental». Por um fenomeno geognostico ainda pouco esclarecido, essa linha conserva se sensivelmente á profundidade de 200 metros.

O conhecimento exato da estenção deste planalto e dos seus acidentes tem uma importancia capital, porque é no mar que o cobre que se desenvolvem as principaes especies comestiveis, que a luz mais penetra, que mais se fazem sentir as variações atmosfericas, e que se exerce com mais intensidade a influencia das correntes maritimas.

Mas ha mais; é da estensão desse planalto que deriva a fórma e o alcance da embarcação de pesca e a fórma do aparelho imaginado pelo pescador, e é do estudo consciencioso da fauna e da flora que o habita que póde resultar uma regulamentação racional das pescas maritimas.

Essa determinação do planalto continental, dos seus acidentes, das declividades que o cercam, das variações do mar que o cobrem, das faunas que o habitam, tudo isto é do dominio da oceanografia.

Se este estudo estivesse feito entre nós; se tivessemos uma carta hidrografica detalhada, observações de correntes e de temperaturas; se tivessemos destrinçado a fauna que nos visita e não é nossa, uma que corre ao longo do planalto, outra que irradia dos grandes abismos, outra que vem da massa do oceano, o grande problema nacional das pescas a vapor já estaria resolvido, e talvez a catastrofe de Espinho se tivesse podido evitar.

Tudo isto sabia D. Carlos de Bragança, e eis o que o levou á oceanografia; não o vêr nesta ciencia um agradavel passatempo, que se coadunasse com os seus gostos, mas o conhecer o alcance pratico que tinha tal estudo para o nosso país.

E' claro que um Soberano não póde, como uma exploração cientifica, organisada por um Governo, continuar metodicamente taes estudos e colher de pronto os elementos para resolver tão complicados problemas; mas assim como o Senhor D. Carlos me escrevia, a proposito das suas investigações de um dia, cujos resultados tinham sido poucos, *petit à petit l'oiseau fait son nid;* é colhendo hoje aqui, amanhã acolá, que se reunem observações que se pódem ligar, e dos 12 annos de campanhas que D. Carlos realisou, resulta incontestavelmente muito de util de que a nação se ha de aproveitar: o seu Museu de Oceanografia e as suas obras.

O Museu, por uma determinação da Familia Real, na intenção tão respeitavel de mais uma homenagem ser prestada á Sua memoria, breve estará patente, á vista de todos, no que tem de mais precioso e instrutivo; a obra, posto isto, vou agora resumidamente analisal-a.

Nos seus traços geraes a fisionomia do mar na Europa é conhecida, e sabe se assim que a linha limite do planalto continental, se exceptuarmos as costas da Noruega e um fundão no golfo de Gasconha, está em geral afastada dezenas de milhas das costas, mas que, caminhando para as costas de Portugal, a pouco e pouco se vae dellas aproximando, formando um fundão junto á costa da Albufeira, emquanto que depois se desvia dellas no Cabo S. Vicente, e a costa do Algarve é por consequencia bastante esparcellada.

Thoulet, um des mestres da oceanografia, disse por esse motivo:

«Les explorations futures ne devraient désormais s'attaquer qu'á des localités circonscriptes.»

D. Carlos tomou como lemma o conselho de Thoulet, e assim, em vez de espalhar as suas investigações, limitou-se ao estudo da zona ao sul do Cabo da Roca.

Já sabia, pelos pescadores, que entre Cezimbra e Sines se encontravam os mais variados fundos, e realisando ahi grande numero de sondagens deve-se lhe um mapa, no qual, em vez das linhas continuas de fundo uniforme, que desde o fundão de Albufeira são pouco sinuosas até ao Cabo de Sines em todos os outros mapas, vê se pelo contrario os grandes abismos do oceano penetrarem nessa zona, paralelamente á Serra da Arrabida, em direção á costa da Galé.

Ha pois grandes fundos junto á costa da Serra da Arrabida, que apresentam, na sua orientação, um notavel paralelismo com a linha de cumeadas da referida Serra, e este grande acidente tectonico tem portanto a sua correspondencia no fundo do oceano. A descoberta de D. Carlos vem assim confirmar, mais uma vez, que os grandes funis não são só devidos a nascentes submarinas, mas são tambem a consequencia dos dobramentos da crosta da terra.

Outro problema interessantissimo deixou tambem D. Carlos esboçado: o da escassez da fauna profunda do Algarve. Esta nossa provincia é longe da capital e dificilmente o comandante do *Amelia* podia consagrar-lhe os seus ocios, mas o que é certo é que, emquanto a sua draga recolhia mais ou menos repleta de fórmas interessantes na costa ocidental, raro era não vir vazia nos fundos da costa algarvia. Existe portanto ahi alguma violenta corrente submarina que deve ter relação com o estreito de Gibraltar e com o movimento de entrada e de sahida da agua no grande mar interior, e talvez, ainda, com a corrente derivada do Gulf-stream que costeia Portugal.

A resolução deste problema teria alto valor Quem ignora que o atum constitue uma das nossas mais importantes pescarias. Saber com certeza aonde se desenvolve, aonde hiberna, quaes os fatores oceanograficos que o fazem aparecer em mais ou menos variada data na costa algarvia, qual a lei que preside ao seu retorno, eis problemas de resolução duplamente util e de alcance.

Pois D. Carlos, que logo lhes percebeu o valor para as pescarias maritimas, tratou de os investigar, e com arrojo, é verdade, mas impressionado até á convicção, pelas coincidencias que os factos apresentavam, publicou aquella bela monografia que tão apreciada foi.

Mas o que se não sabe, e tenho satisfação intima em podel o dizer aqui, é que as observações posteriores confirmaram a previsão. O atum chega e volta á costa do Algarve num periodo fixo e determinado. O que póde é não cahir nas armações, porque, como se póde deduzir de outras observações, é amigo da transparencia; e se a tal corrente, a que já me referi e limpa tão bem o fundo do mar algarvio, se aproxima mais ou menos da costa, assim se conserva mais ou menos ahi a sujidade da agua territorial, e o atum, correndo sempre, mais ou menos cae no aparelho conforme a condição do meio junto á costa.

Que importancia não tem e que ciencia utilitaria não é a oceanografia, que póde esclarecer tão interessantes problemas!

Tendes visto, assim, as duas faces pelas quaes D. Carlos se dedicava á oceanografia, e dil-o nas suas obras: a face especulativa da ciencia e a face utilitaria.

Para provar o valor da Sua investigação, na face especulativa, está o Seu boletim das campanhas, a Sua bela monografia dos esqualos portuguêses, para a qual Bocage tinha traçado o caminho, com o golpe de vista com que aquelle verdadeiro fundador da zoologia portuguêsa tantos trilhou. Mas D. Carlos com os meios de que dispunha ampliou o seu estudo, ampliou o de Capello e de outros, e produsiu uma obra que é verdadeiro modelo de sobriedade, de claresa e de metodo cientifico.

Mas ha mais. Já ha muito que se tinha notado a analogia entre faunas distantes, a do Japão e do Atlantico por exemplo; mas ninguem se tinha lembrado da causa fundamental dessa analogia.

D. Carlos, usando e aperfeiçoando um aparelho dos nossos pescadores, e por elles inventado, o *espinhel*, devido á excepcional condição batimetrica da nossa costa, foi a pouco e pouco e com dificil experiencia aumentando a sua acção, e conseguiu lançal-o até á enorme profundidade de mais de 2:000 metros. Assim, foi explorando a fauna agil abissal, reconhecendo a distribuição batimetrica dos habitantes desses abismos, aonde já não é a temperatura da superficie que regula, e aonde existe a quietação absoluta, que só um sismo póde interromper; dahi o reconhecer que a tal analogia da fauna, que á primeira vista era dificilmente explicavel, derivava de um fenomeno perfeitamente natural: as regiões zoologicas deixam de existir quando deixamos a superficie do globo para penetrar nos seus abismos oceanicos, pois que tudo o que é superficial deixa tambem de se manifestar e é só a pressão que regula.

D. Carlos nunca teve ocasião de apontar esta observação, mas é com prazer que a reuno nêste momento ao cabedal das suas descobertas.

Para provar o interesse de D. Carlos pela face utilitaria dos seus estudos vou referir, entre muitos, dois factos apenas.

Era quasi noite e ao *yacht Amelia*, que perdera a terra de vista, indo dragar nos grandes fundos da costa do Algarve e fazer observações que esclarecessem o curioso problema da escassez da fauna, e voltava ao ancoradouro, deparou-se um vulto no mar: era uma embarcação de pesca. O comandante mandou parar e arriar um escaler. Foi-se a bordo da embarcação, falou-se com os pescadores, que alegres e contentes lançavam ao *espinhel*, e estavam, por assim dizer, presos áquelle abismo, que, depois, numa prumada, se verificou ser de mais de 800 metros de profundidade; pediu-se-lhes, por ordem do comandante, que, depois de concluida a sua penosa tarefa, levassem a bordo da *yacht Amelia* o produto da sua pescaria.

Assim foi, e de manhã, na bahia de Lagos, aquelles valentes lobos do mar, depois de uma noite inteira perdidos em fragil e pequena embarcação, naquelle tenebroso deserto, tão perigoso pela frequencia da navegação, trazia a sua pescaria a bordo do *Amelia*, e ahi se podia tomar nota exata do produto de um *espinhel* a uma determinada profundidade da costa do Algarve.

D. Carlos tratava de conviver com os pescadores, com essa classe obscura de valentes que alimenta uma das nossas principaes industrias. Ouvia-os no seu contar pitoresco, pedia-lhes que lhe fornecessem as fórmas animadas que impressionassem a sua vista, tomava nota de todas as informações que interessassem a sua captura, e, sem o pretender, cativava-os, fazia-os a todos amigos: este é um exemplo.

Vamos a outro facto.

Agitava-se mais do que nunca a complicada questão da pesca a vapor, e D. Carlos, a quem este problema tanto preocupava, e desejava firmar a sua opinião ácerca dos efeitos da referida pesca e queria conhecel-a na sua feição pratica, mandou-me alugar um vapor de pesca.

Durante tres dias o vapor *Machado* pescou ao largo de Cesimbra, em variadas profundidades; recolheram-se algumas toneladas de peixe, que se distribuiram depois por varios asilos, e das especies, do numero de individuos, da sua dimensão e da profundidade exata de cada colheita, de tudo se tomou nota. E' assim que D. Carlos a pouco e pouco se ia esforçando por adquirir uma opinião segura ácerca de um problema cuja solução tanto interessa á vida nacional.

Sejamos justos: resalta em factos desta ordem o amor pela ciencia e não menos tambem o amor pela patria.

ALBERTO GIRARD.

A Exposição de Ceramica «Bordallo Pinheiro»

Com os ultimos dias da primavera e a chegada do verão, as exposições de rosas e de cravos costumam ser as ultimas da temporada, cedendo o logar ás diversões para o campo e para as praias, ás viagens ao estrangeiro, á debandada, emfim, da grande roda que deixa Lisboa quasi deserta.

Este anno, porém, não foram as exposições de flôres as ultimas da primavera, que atrairam as atenções dos lisboetas desde os principios do anno, mas veio agora reclamar um resto dessas atenções a exposição de *Ceramica Bordallo Pinheiro*, fechando o ciclo dessas manifestações de arte a que felizmente podémos assistir nos ultimos mezes.

Chamamos exposição de *Ceramica Bordallo Pinheiro* porque é esse o titulo que convem aos originaes artefatos, creação de uma individualidade de artistica inconfundivel que lhes deu caracter, que lhes deu nome que jámais será esquecido: Bordallo Pinheiro.

Se me objetarem que não é obra do grande mestre o que ali se vê, mas de seu filho Manuel Gustavo, eu continuarei na minha, e Manuel Gustavo não me levará a mal a afirmativa que é toda em seu proveito e honra. Os artefatos de ceramica que ali se vêm perpetuam a gloria do mestre, são filiados na sua escola, e Manuel Gustavo é assim o digno continuador da obra de seu pae, o que envolve seu maior elogio.

Se ao entrarmos no *atelier* de Manuel Gustavo, na rua Antonio Maria Cardoso, nos sentimos agradavelmente impressionados com a arte que em tudo ali se revela, nas bem combinadas decorações, não nos agrada menos a prefusão dos artefatos expostos desde as jarrinhas, pratos, cinzeiros, aneleiras, figurinhas, uma infinidade de

A Exposição de Ceramica «Bordallo Pinheiro»

Um aspeto da Exposição no «atelier» de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro

Uma Jarra

pequeninas peças artisticas até aos grandes vazos, jarrões de fórmas elegantes, algumas classicas, estilistas e por fim o lendario milagre de Santo Antonio, das bilhas quebradas, tão gracioso, quanto popular do taumaturgo português, e de que reproduzimos uma bella gravura de Marques Abreu, graciosamente cedida por este artista ao Occidente.

A arte que em tudo isto se observa é aquella que Bordallo Pinheiro soube dar á sua ceramica, de cunho verdadeiramente nacional a resistir heroica contra o desdem por tudo quanto é português.

A ceramica *Bordallo Pinheiro* teria mercado em toda a parte do mundo onde fosse levada, não por aquella originalidade que fez em tempos o principe de Gales, hoje rei de Inglaterra, levar para o seu paiz um burro de Cintra, mas pela originalidade da arte com que é feita e por seu especial caracter.

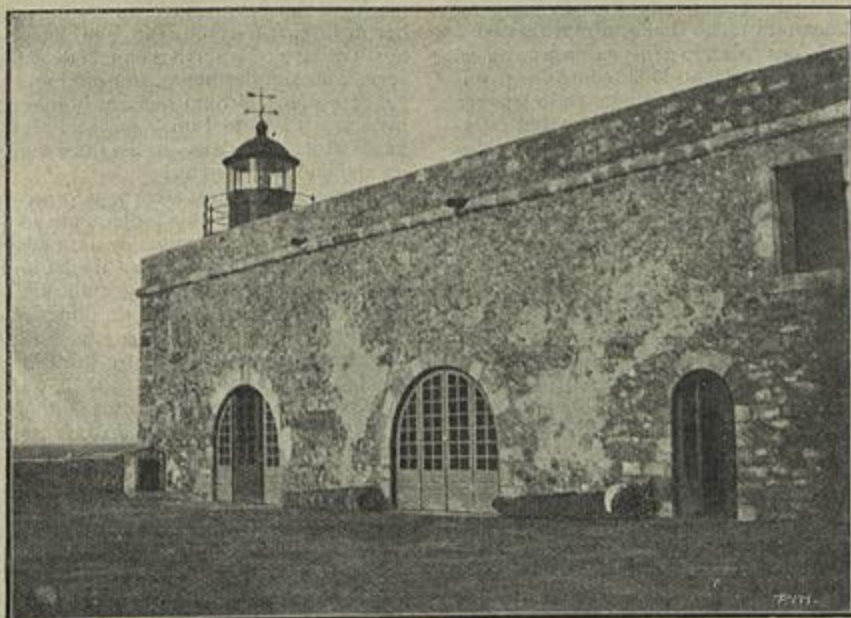
Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, fazendo ha pouco a sua exposição de ceramica no Porto e em Coimbra, onde foi muito apreciada, veio repetil-a agora em Lisboa, atraindo ao seu *atelier* grande numero de visitantes, incluindo Sua Magestade El-Rei D. Manuel, que adquiriram muitos dos artefatos expostos, e ainda bem.

Quanto do que ali ha é preferivel a tantas bugigangas estrangeiras de fancaria, sem caracter nem intenção, que se compram para adornar os toucadores, as salas com pretenções a bom gosto e arte. E com isso só se anima o comercio de importação, que leva tres e quatro vezes o valor do seu custo lá fóra, emquanto a arte nacional luta com mil dificuldades que toda a coragem e tenacidade a custo vencem.

As obras expostas são todas produzidas este anno e dellas resalta uma inovação, qual é a dos embutidos em barro, completa novidade tentada com exito por Manuel Gustavo, pois é seguramente um dos maiores atra-

Castiçal, Alfineteira e Paliteiro

Santo Antonio, no milagre da bilha quebrada

Centenario da Guerra Peninsular

Farolim da Fortaleza de S. Miguel, na Nazareth

tivos da sua exposição justamente apreciada pelas pessoas inteligentes e cultas, que aquiriram os exemplares expostos além dos que encomendaram.

Esta exposição é talvez pouco profusa de obras, mas comtudo representa grande esforço por parte de Manuel Gustavo, que teve graves transtornos durante o ultimo anno. Além do governo ter retirado o subsidio á escola profissional fundada por Bordallo Pinheiro, foi ainda posto em praça o edificio, e arrematado por quantia superior áquella de que Manuel Gustavo dispunha, sendo, por um mal entendido do arrematante, privado das ferramentas e modelos existentes no edificio, para haver os quaes teve de representar em juizo.

Instalada uma nova fabrica, começa a producção, não sendo menor a luta de Manuel Gustavo para continuar a obra de seu pae, no que se torna digno de todas as simpatias e auxilios.

C. A.

Centenario da Guerra Peninsular

Fortaleza de S. Miguel da Nazareth

> Cada época tem o seu edificio, registo e monumento das differentes phases do progresso social.
>
> A. C. Silva Mattos

No extremo do môrro da Nazareth, na calheta, que a cobre da parte do norte, está situada a fortaleza de S. Miguel, que principiando no governo de D. Sebastião, acabou no de D. João IV, tendo sido collocada sobre a porta principal da entrada a estatua d'este rei, e junto d'ella as armas de Castella e Portugal, estas meio occultas por detraz d'aquellas; e, como sentinella vigilante, a imagem do archanjo S. Miguel, que se viu, por muitos annos, em um nicho aberto na parede, proximo d'aquella entrada.

Teve governador com guarnição fixa (1), elemento indispensavel, n'aquella época, para preparar e facilitar determinadas operações militares e para mantêr o mar livre das incursões dos corsarios argelinos, hollandezes e outros, que infestavam as nossas costas; e, de facto, não foram poucas as vezes que esta guarnição, como a de S. João Baptista das Berlengas, para poder reprimir rapida e facilmente qualquer extorsão, e auxiliar a nossa marinha, punham em acção as peças d'artilharia (2), e de sobreaviso as nossas embarcações para, a tempo, recolherem á enseada. Era quasi sempre a fortaleza que, em primeiro logar, rompia o fogo contra as naus inimigas, que tentavam aproximar-se da costa.

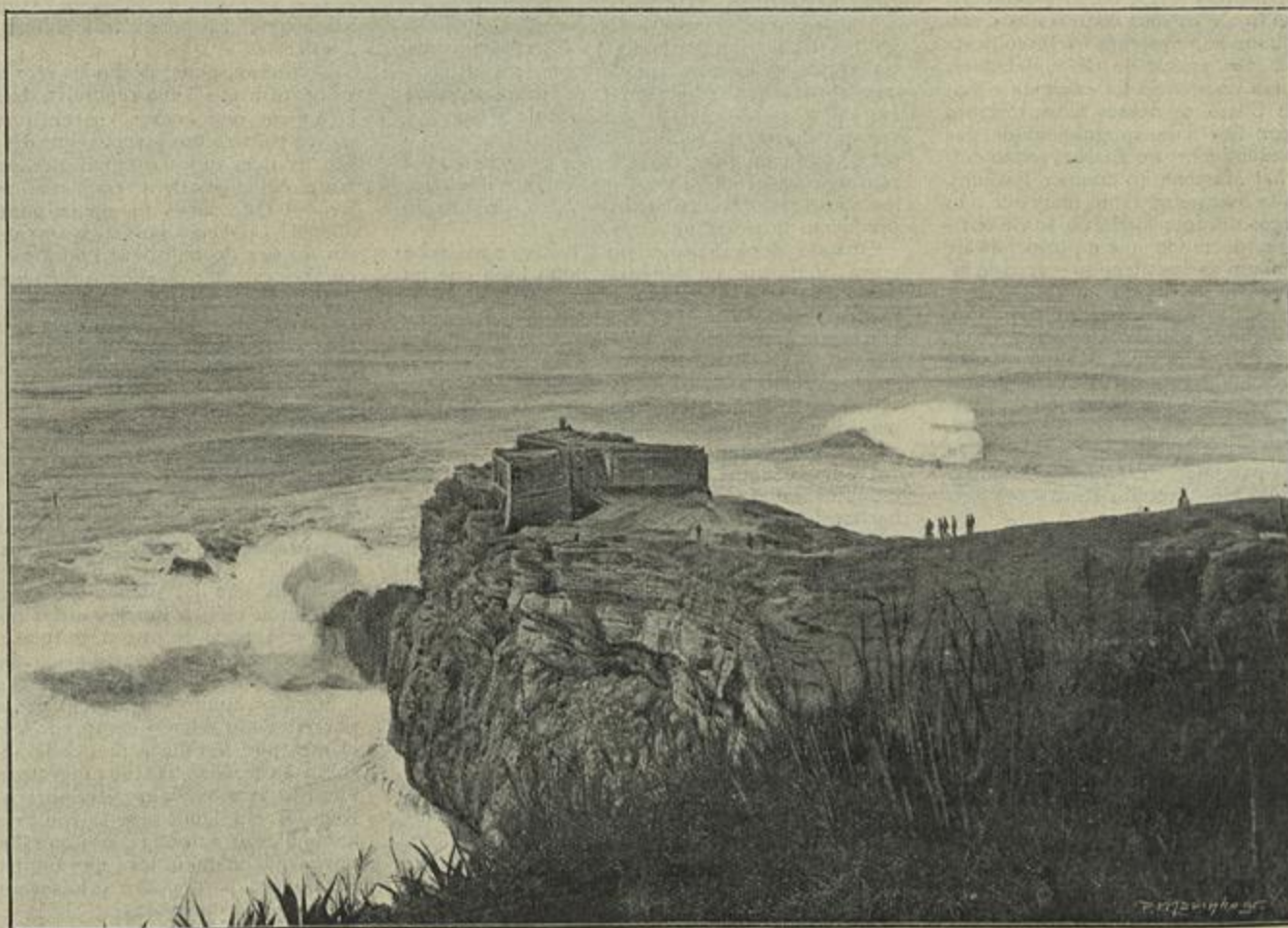
As forças da defeza estendiam-se em atiradores nas concavidades dos rochedos, as mulheres desciam ás praias levando armas aos maridos, que andavam pescando. No entretanto os piratas receiosos da attitude offensiva, que se lhes apresentava, sem resultados favoraveis, punham-se ao largo até os seus navios se sumirem no horisonte.

Nem sempre as nossas caravelas recolhiam á enseada livres das correrias das naus inimigas, pois que o assalto era-lhes tão arteiramente feito que os navios mercantes, tendo já rôtas de pellouros as vélas, e exhaustas as fôrças dos remadores, têr-se-hiam de certo rendido ás lanchas perseguidoras, se não viessem promptamente em seu auxilio o capitão e sargento mór com as forças de que dispunham; e n'esta parte é digno de elogioso registo, (nos refere um erudito escriptor), a inexcedivel energia do capitão mór, Christovam de Brito, e o acerto de suas ordens.

A superintendencia e vigilancia d'estas forças no litoral, uma das attribuições da capitania mór, foi d'efficacissimos resultados para a navegação.

De differente modo se procedeu com a entrada do exercito francez em Portugal, sob o commando do general Junot, porque, distribuidas que foram as forças invasôras pelos diversos pontos do

(1) O primeiro governador foi Manuel Gomes Pereira. Vidè: *Portugal antigo e moderno*, de Pinho Leal.

(2) Das peças d'artilharia de que se serviu a guarnição apenas existem duas na praça d'armas d'esta fortaleza, proximo da casa do pharoleiro, mas já bastante caracomidas.

A Fortaleza de S. Miguel, na Nazareth

(De fotografias)

paiz, não se fez demorar a occupação do fórte de S. Miguel por soldados francezes, commandados por um official chamado Mirón, assim como não tardou que o povo se insurgisse, de norte a sul, contra os despotismos, roubos e espoliações praticados pelas phalanges invasoras.

«Tudo a garra franceza, a pouco e pouco
«Destruiu, saqueou, roubou, n'um furor louco»

A 22 de junho de 1808 sublevou-se Aveiro e Mealhada, a 23 Coimbra, aonde se organisou um regimento de lentes e estudantes, e a seguir Pombal, Figueira da Foz e outras povoações, proximas do litttoral, já guarnecida por soldados francezes. O movimento recrudesce com grandes vantagens para os nossos.

O general Thomiers recolhe as guarnições dos fortes, e deixa a do forte de S. Miguel, o que não impediu que os pescadores auxiliados por um destacamento d'estudantes vindos de Coimbra o tomassem, obrigando a guarnição e o seu barbaro commandante a render-se; e d'ali foram levados prisioneiros para a então villa da Figueira da Foz, sem reservas hostis, quer por parte do povo, quer por parte dos estudantes.

Travada a luta popular, já um tanto avolumada com a suspeita da chegada da esquadra ingleza, Thomiers, governador da praça de Peniche, a quem tinha sido confiada a exploração do litoral, apenas teve conhecimento d'este aprisionamento, dirige se logo com 3:000 homens para Alcobaça, e d'esta villa para a Nazareth, onde, ao rompêr do dia 15 de julho de 1808, dá entrada; pôndo em forte destaque a sua furia cannibal tão cheia de terror, de morte e de lamentos, que na phrase d'um douto escriptor, as suas acções escureceram talvez as atrocidades de Margaron em Leiria.

Se por um lado o general Thomiérs havia dado redeas ao seu indomito furor pela perpetração de taes crueldades, roubos e assassinios, em que sobresae o fuzilamento, deante das péças, d'uns pobres homens, que estavam servindo d'artilheiros, d'uma mulher e d'alguns velhos, assim como o incendio de muitas das habitações d'esta povoação de que ainda no meado do seculo XIX se viam vestigios no sopé do seu promontorio,—por outro os soldados do marechal Massena enchiam de sombrio terror estes povos pelas suas inqualificaveis atrocidades, tanto em tenras creanças e timidas donzellas, como em velhos imbelles.

A sua acção devastadora foi terrivel e dolorosa; e ascendeu a tal ponto que muitos habitantes e suas familias haviam fugido para os montes circumjacentes para não serem barbaramente assassinados, como foram os seus conterraneos, sob as ordens de Thomiérs, o celebre carrasco desta infeliz povoação. Mas, apesar de tão lamentaveis successos, a nossa resistencia foi energica e inabalavel, e além d'isso os nossos feitos insignes em armas, e por fim a inexpugnabilidade das fortalezas chamadas *linhas de Lisboa*, tendo collocado o marechal Massena, (o duque d'Essling), em situação nada lisongeira, tanto mais que não recebendo reforços durante o inverno, se viu obrigado a retirar-se, de modo que no principio de abril de 1811 tinham as suas tropas evacuado inteiramente o territorio portuguêz.

Restabelecida a paz e a ordem no reino, foi, passados poucos annos, mandada retirar a guarnição da fortaleza de S. Miguel, ficando esta inteiramente votada ao abandono até 27 de setembro de 1897, data em que por ordem do ministerio da guerra foi posta em praça com a demarcação de 1:148 metros quadrados, conforme a respectiva planta parcellar, e arrematada, em hasta publica, por Manuel Antonio Rodrigues pela quantia de 100$000 réis!!...

Apesar de se ter dado esta alienação não desistiram os pescadores da Nazareth de representar ao governo a necessidade de se estabelecer ali um pharolim e casa para o pharoleiro, visto o enorme desenvolvimento, qne a pesca vae tomando de dia para dia (1); e n'esta parte obtiveram, por intermedio do digno deputado sr. Alvaro Possolo, que fosse expropriada, por utilidade publica, a fortaleza, e em seguida confiada a direcção das obras do pharolim e casa do pharoleiro ao distincto engenheiro hydraulico, o sr. José Ribeiro d'Almeida, sem que se fizesse a menor alteração no aspecto exterior das ruinas desta fortaleza; e com tanta actividade e zêlo as dirigiu que a 1 de dezembro de 1903 era inaugurado o pharolim com alcance luminoso de 7 milhas no estado de transparencia athmospherica.

(1) Dos 19 principaes portos de pesca a Nazareth é o 6.° porto Vide: *Estatistica das Pescas Maritimas no anno de 1905.*

Este pharolim, pela sua situação e pelo surprehendente panorama que ali se gosa, é um dos passeios mais agradaveis, que tem a Nazareth. Admirando este magestoso quadro do cimo da fortaleza vêmos, em torno d'ella, o marulhar das aguas, ora inchadas rolando pelos extensos areaes, ora impetuosas, despedaçando-se contra as penedias, ao mesmo tempo que, espadanando lençoes d'espuma para ambos os lados da rocha, espalham seu niveo manto sobre o pequeno môrro do Guilhim, de cujas anfractuasidades escorrem as aguas em frócos, como uma cascata, e na gruta d'Orca medonho escarceo, ou, como, em frente d'ella, disse um nosso poeta:

. . . .
«Qual rabido leão de crina hirsuta
A rugir a nossos pés!...»

E, se o admirarmos em dias limpidos e claros, vêmos ao longe, na immensidade dos mares, as ilhas Berlengas, surgidouro e refugio das embarcações, e mais para o sul a grande serra que os agarenos chamaram *Monte Ceira*, a qual, correndo desde Peniche, parallela com o mar na extensão de 25 kilometros, se abre para dar passagem ao Oceano e formar o pequeno porto de S. Martinho; e, finalmente, se volvermos a nossa vista para o nascente surge-nos altivo o monte de S. Bartholomeu com a sua alvejante capellinha, entalada entre rochedos, (monte que um chronista de Portugal baptisou com o nome Seano), tendo, a um lado, a Pederneira, séde d'um antigo concelho, e ao fundo a praia, toda adornada com as suas casas branquinhas, vestidas de verão que o inverno enlameia, que parece uma villa de cartas que ha 80 annos era um casal, e que, d'aqui a 30, será talvez uma cidade.

LINO J. F. DA COSTA.

A filha de Hamilcar

. . . .

O aspecto de Carthago visto sob aquella rude e violenta luz do sol africano, era verdadeiramente maravilhoso. No alto Byrso, com a sua cidadella amêada, em baixo o amplo bairro de Mégara, ostentava por um largo espaço de 300 *stades* a sua casaria immaculada e branca. Em torno, em campinas ferteis e entre bosques de cydondenchos e louros-cereja, recostavam-se as silhouettas elegantes das habitações luxuosas dos commerciantes riquissimos, essa aristocracia de Carthago, que apóz terem explorado com sordida torpeza em todas as colonias de Africa e de Hespanha, viviam ali agora, felizes e egoistas! Por toda a parte, no cimo das casas e nos terraços eu via rebrilhar faiscantes, como outros tantos minusculos sóes, grandes espheras de vidro, ornamento predilecto dos carthaginezes.

Quando desembarquei no *Cothân*, e avistei a porta aparatosa de Mégara, notei logo que na turba ullulante e agressiva abundava a côr vermelha, tão vermelha era tambem a toga que vestia um sacerdote de Moloch, o qual, indeciso e irado, avançou até mim. Coifava-o um alto barrete purpureo onde rebrilhavam facetas de crystal e na fimbria da sua toga franjada de ouro, pequenos cascaveis do mesmo metal telintavam, ao seu andar vagaroso e solemne.

De novo saudei esses povos e oh! espanto dos espantos, fallei em punico, a barbara lingua d'essa barbara gente.

Expuz-lhes em alta grita, que não vinha enviado por Cezar, nem Cezar conhecia, mas apenas procurar Hamilcar para um negocio de alto interesse publico.

Então o sacerdote, cujos cascaveis fizeram de novo ouvir o seu tinido metallico, perguntou a minha graça e desejou que a deusa Tanit me fosse propicia. Agradeci lisongeado a protecção da deusa frascaria e declarei com emphase o meu nome: Antão Anthero Porto Alegre de Setiães, da Luzitania!

O velho partiu correndo e fiquei me encarando com altivez a turba que me era nitidamente agressiva, sobre tudo quando lhe assestava o monoculo. E pensava se o meu estratagema daria resultado e poderia emfim fallar á ideal Salambô, a hysterica filha do grande Hamilcar Barca, á quasi divina, pois descendia ainda de Melkart o deus dos Sidonios!

Entretanto o sacerdote regressava seguido de dois membros da guarda sagrada, cuja missão é escoltar os Barcas, a annunciar-me que seria recebido pelo grande general carthaginez.

Exultei e querendo significar o meu reconhecimento, ao prestante sacerdote, offertei-lhe um soberbo *la Capa*, e emquanto elle com gestos simeanos o olhava e farejava na ancia de saber para que servia, eu simplesmente, nobremente, mordi e accendi o meu! O bom homem imitou-me e foi fumando e fasendo fumar um sacerdote do saguinario Molock, o deus dos assados, que eu penetrei no palacio dos Barcas!

Depois de termos atravessado uns bosques de sycomoros, o meu guia indicou-me a vasta cazaria d'um palacio imponente, de immensos terraços, todo revestido de marmores da Numidia. Era de vastas dimensões, mesmo grandioso e pesava sobre a cidade como o peso de uma tyrannia.

E foi tomado de intensa emoção que os meus pés trementes se pousaram e subiram a larga escadaria de ebano incrustrado a ouro, em cujo alto, n'um vasto patamar, dois soldados da legião sagrada passeavam silenciosos e soberbos com longas lanças ao hombro.

O grande Hamilcar recebeu me n'um dos largos terraços que dominavam o porto, abrigado por um amplo velario de seda verde onde havia phantasiosas bordaduras a ouro e pedrarias de preço, fixado a quatro columnas de porphyro, por grossos cordões de seda verde. O general estava sentado ou, antes, deitado sobre coxins macios, que o seu corpo pesado premia fortemente. Trajava uma especie de gibão de seda preta, e um largo cinto feito de chapas de ferro ennegrecido, formava lhe como que uma couraça. Estava descoberto e a longa barba preta cahia-lhe torvelinhante sobre o arcabouço robusto. Tinha um olhar violento e feroz de féra subjugada em que havia toda a expressão d'um odio profundo e misturado a um desalento enorme.

Descutia vivamente com outros personagens que se afastaram á minha aproximação.

Eram chefes subalternos a quem Hamilcar duramente invectivava e toda essa gente se lhe apresentava rastejante e submissa, fallando-lhe como que a um deus. Por isso quando me viu perto d'elle, com o ar despreocupado de quem passeia na *rue de la Paix* á espera d'uma boa fortuna, aprumou-se e fitou-me cheio de espanto, ira e curiosidade!

Desconhecedor das pragmaticas punicas, berrei-lhe as primeiras baboseiras que á mente me acudiram: que os deuses te protejam! Saudo-te, oh grande Hamilcar, sou um enviado de Melkart!

Ao ouvir este nome sagrado, entre todas as cousas sagradas, o carthaginez avançou para mim ameaçante. Eu porém tranquillisei-o fallando-lhe assim:

— Socega, general! Podes crer que venho aqui salvar-te a ti e á tua republica da suprema entalação em que ambos vos encontraes. Possuo a ultima palavra nos inventos que desconheces. Que são as tuas rudes catapultas, esses pobres e infantis engenhos de arremesso ao pé dos canhões Krups! Que sabes tu, pobre general, da tatica allemã! Conheces porventura as mais rudimentares noções de balistica! Podes tu, misero e mesquinho, calcular os effeitos terriveis das granadas de 30, que detonam pulverisando tudo como um cataclismo vulcanico! Calculas lá o effeito mortifeiro e atterrante dos canhões de tiro rapido e dos projecteis incendiarios, com que a humanidade dos meus tempos se metralha, em nome da civilisação!!

Tenho na minha mão o segredo com que vencerás não só os mercenarios agora ullulantes e ameaçadores nas cercanias de Utica, como tambem te conduzirei vencedor á propria Roma! Não percas tempo, corre ao conselho, dir-lhe-hás que precisas de amplos, de plenos poderes, corre, vôa!

— Mas não já, disse-me o vetusto guerreiro, que estou com a barriga a dar horas! Comerás commigo, nada de pressa, porque afinal tudo isto, e n'um gesto largo envolveu cidade e campos, são fracas bestas, podes acreditai-o, estrangeiro, e ingratos, muito ingratos, o proprio Hannon é por elles tão odiado como eu. A esses commerciantes não agrada a preponderancia que tenho sobre as tropas. São uns ingratos; que o diga o infausto lacedemonio Xantippe, o vencedor de Regulos, em Tunis, que salvou a republica d'uma anniquilação completa, e o que lhe fez este bom povo, quiz matal-o, teve que fugir e ir viver, dizse, no seu paiz, pobre e miseravel, é evidentemente o que me espera.

Eu soceguei-o, fiz-lhe entrever a rutila gloria, a apotheose do vencedor, no meio das suas hostes cheias de aço e metaes reluzentes por entre as acclamações da populaça em delirio! Mas nada

o arrancava da sua attitude triste e reservada, a não ser quando lhe falava na altiva loba romana, a sua eterna e odiada rival!

Então n'uma meza de ebano, larga e baixa, cheia de incrustações de ouro e pedras multicores, que os robustos escravos numidas trouxeram, appareceram grandes pães polvilhados de anis, amontoados em cestas de filigranna de ouro enfeitadas com flores. Em altas amphoras de ouro vinha um precioso vinho que Hamilcar trouxera das suas campanhas em Italia. Depois em largas travessas de ambar, tão polido que parecia ouro, serviram-nos, com molhos impossiveis, incommiveis, intragaveis, faisões, peitos de antilope e, finalmente, cãesitos em calda de mel! Na meza, sobre altos pratos de vidro, havia pyramides de cigarras fritas, que o famoso general comia com as mãos!

Todo aquelle repasto de um barbaro me era sobremaneira desagradavel e apenas o doce vinho de Campania, eu hauria com innenarravel goso. Então em largas salvas de prata serviram-nos uns queijos abominaveis e enormes bolos de mel. Em vasos de ouro, com agua perfumada por folhas de rosa, lavamos levemente os dedos, e o general ia levantar-se, quando me occorreu a lembrança de lhe mostrar o poder das armas de fogo.

Fiz approximar um marinheiro e pegando na Mauser, apontei-a a uma das muitas espheras de vidro que por toda a parte rebrilhavam. Disparei em diversas direcções e aqui e ali varias espheras voaram em estilhaços.

O *sufetta* ficou então de todo abananado, os escravos numidas fugiram aterrados, lançando por terra a larga meza e a rica baixella em que nos serviram, e nos vastos terraços do magnificente palacio dos Barcas, apenas eu e os dois marinheiros ficámos graves, silenciosos, imponentes!

. . . .

(D'um livro em preparação.)

AFFONSO DE CASTRO.

Beijos Perdidos

Tal é o titulo de um poemeto, por Manuel Duarte d'Almeida, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa e bibliothecario das Direcções geraes de instrucção publica e do respectivo Conselho Superior.

Dado a lume pela livraria editora da Parceria Antonio Maria Pereira, abrange dezeseis paginas de formato grande com capa illustrada por estampa que lhe define o titulo.

Dividiu o auctor o seu poemeto em duas partes distinctas; a primeira, dedicada ao dr. Maximiano Lemos, mais philosophica, a segunda, a Firmino Pereira, mais humoristica.

Beijos Perdidos! qual a razão e o significado logico de tal titulo, apparentemente extravagante?

Aqui tendes, leitores, a chave do enygma logo nos primeiros quatro versos do poemeto e na sua ultima estancia:

«Despedem beijos ao ar,
«Beijos que perdidos são,
«As Senhoras que, ao beijar,
«Só fingem que beijos dão.
. . . .
. . . .
«De bôcas a palpitar
«De frescura, de emoção,
«Assim perdidos no ar...
«Que pena! Que estragação!»

Conheceis o poeta Manuel Duarte d'Almeida? Talvez não, e entretanto, o que são as coisas d'este mundo! conheceis dezenas de poetastros cheios de embofia soez, que apenas conseguem consumir papel e que só pelo favor de ignorantes logram circular na fama.

Pois, sem embargo, Manuel Duarte d'Almeida é um poeta na accepção rigorosa e nobre do termo, tão lyrico e tão consummado na metrificação, que não existe no nosso meio outro Manuel Duarte d'Almeida.

Conserva nos seus annos que a neve já enflora, todo aquelle ardor, toda aquella sentimentalidade fina, todo aquelle fogo vivo de inspiração dos eleitos que têm rendido ao mundo e á civilisação em Homero, a *Illiada*, em Virgilio, a *Eneida*, em Dante, a *Divina Comedia*, em Milton, o *Paraizo Perdido*, em Tasso, a *Jerusalem Libertada*, em Camões, os *Lusiadas*, a nossa gloria, em Klopotock, a *Messiada*, no americano Longfellow, a *Evangelina*, deliciosa e encantadora.

E, leitores, se fordes tomados de hesitação a similhante respeito, em presença do poemeto *Beijos Perdidos*, procurae lêr então *Væ Victorbios*, imponente e magestosa tuba epica, arrebatadora imprecação metallica de uma alma compungida pela affronta de uma nação poderosa e triumphante á estremecida bandeira da sua patria heroica!

Sinto consolação intima de poder escrever isto, com perfeito acérto de propriedade, n'um tempo em que o interesseiro egoismo reina quasi despoticamente.

Manuel Duarte é pobre, lucta na arena da vida com esforço tenaz e com diligencia aliás incompativel com a sua pouca saude; mas é rico, riquissimo de honesta dignidade, honra legitima das bellas lettras, poeta equilibrado, artista que vibra e faz vibrar, attrahe e faz attrahir, moralisa, educa!

D. FRANCISCO DE NORONHA.

JOSÉ SABINO GONÇALVES

NECROLOGIA

José Sabino Gonçalves

E' este o heroe cujo retrato se apresenta aos nossos leitores, como digno de figurar na extensa galeria dos que se têm tornado benemeritos nos vastos campos da actividade humana.

Filho de Sabino Gonçalves e de Isabel Jacinta, natural de S. Martinho do Porto, ahi falleceu aos 25 de maio findo, contando 73 annos d'edade, havendo sete que se achava paralytico.

Começou a sua carreira em tenra edade, pois apenas contava 9 annos, aquelle que no decurso de 50 annos se tornou um habil e destemido marinheiro, dando provas evidentes do seu valor e competencia profissional.

Commandou differentes navios mercantes com diversos rumos, mas especialmente em direcção á India, atravessando muitas vezes o cabo da Boa Esperança, sempre com bom exito.

O seu ultimo commando foi o da galera *Dora* e do vapor *Ibo* da extincta Mala Real Portugueza.

Corria o anno de 1869, em que se celebrava com o maior enthusiasmo o facto grandioso da abertura do Canal de Suez, obra colossal devida ao genio inspirado do immortal Lesseps. Tinham sido feitos convites a todas as nações maritimas para se representarem na inauguração de tão assombroso emprehendimento.

Portugal, attendendo ás suas tradições gloriosas, não podia deixar de receber tão honroso convite, fazendo-se representar por um dos seus melhores vasos de guerra, que era então a corveta *Estephania*.

Com antecedencia de dois dias, tinha tambem largado do Tejo a galera *Viajante*, em direcção a Macau, sob o commando de Sabino Gonçalves.

Aquelle lindo barco, todo de teca, construido nos estaleiros da India, pertencia á firma Bessone & Barbosa, da praça de Lisboa, e era tripulado por vinte déstros marinheiros.

No Mediterraneo, nas alturas da *Gata*, desencadeou-se um temporal desfeito, quando ahi chegavam a nossa corveta de guerra e a galera *Viajante*.

A galera consegue, a grande custo e com grave risco, desenrascar-se e entra galhardemente a salvo em Port-Said, no proprio dia em que se inaugurava a abertura do antigo *isthmo*, transformado em esplendido canal.

Não quiz a sorte que a marinha de guerra portuguêsa assistisse a tão solemne acto, pois, em virtude do grande temporal, a corveta *Estephania* não poude chegar a tempo; em compensação, porém, a chegada da galera *Viajante*, commandada por tão destemido e perito marinheiro, em plena força da vida, 34 annos d'edade, é saudada com vivas acclamações pelos navios das differentes nacionalidades.

Mas ainda não é tudo para coroar o feito e a gloria ficar completa. Não havendo piloto para assegurar a travessia do Canal, Sabino Gonçalves resolve se intrepidamente a atravessal-o com pasmo e admiração de todos que presencearam tão arrojado golpe d'audacia.

E assim, notavel coincidencia, a gloriosa bandeira das Quinas, a primeira que dobrou o cabo da Boa Esperança, guiada por Vasco da Gama, no descobrimento do caminho maritimo para a India, é tambem a primeira que, arvorada no tope da galera *Viajante*, tremula galhardamente atravessando o novo canal.

Gloria pois ao nosso heroe e que o seu nome fique gravado nos fastos brilhantissimos da nossa epopeia maritima a par de tão distinctos nomes que têm immortalisado esta heroica nação tão digna de melhor sorte!

ABRANCHES.

O MEZ METEOROLOGICO

Maio 1909

Barometro. — Max. altura 769mm,9 em 25.
» Min. » 751mm,6 em 15.

Pressões fracas durante a 1.ª quinzena e elevadas no resto do mez, excepto em 31.

Termometro. — Max. altura 33°,4 em 30.
» Min. » 11°,7 em 9.

A temperatura esteve elevada em 1 e 2 (Max: 26°,9 em 2) baixando a partir d'esse dia, sendo a maxima, em 7, de 15°,7, e em 9, de 15°,0, esta ultima inferior a todas as maximas do mez de abril. A temperatura conservou-se normal até 21, data em que se elevou um pouco, sendo a maxima, em 23, de 27°,7, e em 24, de 27°,0. Em 25, baixa a 19°,3, e em 26, a 18°,6, subindo bruscamente em 29, a 31°,9, e em 30, a 33°,4.

Chuva — 57mm,3 em 10 dias (de 4 a 11 e em 14 e 15).

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 12 dias.
» Nublado 18 dias.
» Encoberto 1 dia.

Relampagos — Em 11.

Trovoada. — Em 6, 7, 11 e 15.

UMA VISTA DO CANAL DE SUEZ

Primeiro atravessado pelo commandante portuguêz José Sabino Gonçalves, na sua inauguração, em 17 de novembro de 1869